A ressignificação dos territórios urbanos através de novos processos de midiatização nas cidades

Sergio Roberto Trein
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: cidade; midiatização; ressignificação; território.

RESUMO EXPANDIDO

As cidades sempre mexeram com a imaginação popular. Em todos os momentos da vida, seja na infância, na adolescência, na fase adulta e, mesmo na fase madura, em algum instante, de alguma forma, as pessoas criam relações emocionais e de raízes com as suas cidades e têm, guardadas em suas memórias, alguma lembrança especial do lugar onde moram ou moraram um dia. Não é impróprio e nem exagerado dizer que a cidade está na alma das pessoas.

Mais do que uma simples hipótese, esta ligação entre alma e cidade pode ser identificada através de vários aspectos. O primeiro deles se manifesta pela ideia de reflexão. E isso está construído em nossas cidades sob a forma de piscinas, lagos, galerias, sombras e janelas onde ocorrem reflexos. Ou seja, as pessoas precisam se enxergar nos espelhos da cidade e, assim, perceber a sua alma presente no espaço urbano. Um segundo aspecto está ligado à ideia de profundidade. Precisamos de níveis, tais como níveis de iluminação ou de materiais contrastantes, para que possamos nos perceber e nos localizar na cidade. Um terceiro ponto, que evidencia esta ligação entre alma e cidade, é que a alma tende a ser imaginada por meio de imagens e símbolos. Sem imagens, corremos o risco de perder o caminho. Isso acontece, por exemplo, nas ruas e nas estradas, através das placas.

A alma precisa tanto de imagens que, quando não as encontra, elabora substitutos, como os cartazes de rua e os grafites, por exemplo. Porém, um dos aspectos mais importantes que explicam esta ligação da alma com as cidades é a ideia de que alma tem a ver com memória emotiva. As pessoas transitam pelo território, de forma repetitiva ou não, e, assim, criam uma identidade e uma relação com o lugar. Porém, mesmo que façam isso de forma individual, não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto. Ou seja, a cidade é resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas e, a isso, denominamos de contexto urbano.

É justamente esse contexto urbano que contribui para o significado da cidade. Bem como, toda mudança no contexto implica alteração daquele significado. Isso ocorre porque mesmo entendida como unidade de percepção, a cidade não é um dado, mas, sim, um processo contextual onde tudo é signo, é linguagem. Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações configuram-se como uma realidade sígnica que informa sobre seu próprio objeto: isto é, o contexto. O elemento que aciona essa percepção global e contínua, que estabelece seleções e relações em um repertório contextual é o usuário e o uso é sua fala, sua linguagem. O uso é uma leitura da cidade na relação humana das suas correlações contextuais. Logo, uma praça, por exemplo, só encontra seu espaço contextual no momento em que é flagrada numa seleção de usos que lhe atribui significado.

O mesmo vale para outros elementos do mobiliário urbano. O usuário processa a leitura do mutante espaço contextual, ao mesmo tempo, que nele inscreve sua linguagem: o uso que flagra e é flagrado na cidade. Isso faz com que cada indivíduo, através de sua alma, de sua linguagem e de seu contexto, perceba no urbano, ao mesmo tempo, imundícies e êxtases, atrações e repulsões. A justificativa para este fenômeno está no fato de que, na cultura urbana, cada um comunica-se com edifícios, ruas, árvores, lojas, pontes, cenários, ambientes etc, conforme seus próprios interesses, suas relações com o território e da sua maneira.

Na verdade, a própria configuração do espaço urbano contribui para isso, pois a paisagem urbana pode ser definida como a percepção individual, espacial e temporal da composição de todos os seus elementos fixos (edificações, árvores, pavimentação, ruas), semifixos (anúncios, comércio ambulante) e móveis (automóveis, pessoas). Todo esse contexto urbano acaba tornando-se um *locus* dinâmico de atividades, exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais.

Quando se fala no contexto urbano, devemos analisá-lo através de dois pontos de vista: primeiro, tomando como base uma categoria a quem denominamos de produtor, que necessitará de equipamentos de infraestrutura, de informação, de inovação, de amplas instalações. Em geral, quem ocupa este papel de produtor nas cidades são os gestores públicos. O segundo ponto de vista diz respeito a quem classificamos como consumidor, que usará o espaço fundamentalmente por questões de sobrevivência: o habitar e o trabalho, mas que para tal necessita de equipamentos de lazer, oferecimento de determinados bens e serviços coletivos, de cultura etc. Este espaço, em que os indivíduos acabarão conformando sua identidade e suas relações de poder, é definido como território.

Necessariamente, o território não possui fronteiras visíveis. Nem mesmo o processo de formação territorial ocorre por meio de expressões concretas sobre o espaço. Pode haver, inclusive, múltiplas *territorialidades* no mesmo espaço. Bem como os territórios podem possuir um caráter cíclico, que varia com o tempo; móvel, que se desloca nos mais diferentes espaços; ou que se organiza a partir de redes interligadas pelo fluxo de informações ou contatos.

Tudo vai depender da relação dos indivíduos com o território e de que forma eles percebem os artefatos e como eles os utilizam como mediadores na interação com outras pessoas e seus ambientes físicos e sociais. Desta forma, passa-se a gerenciar o território como um sistema-produto, tratando dos seus aspectos materiais e imateriais e gerando sentido e valor para o espaço em si, os produtos e a cidade como um todo. Especialmente quando há uma recriação do território ou intervenções urbanas que ressignifiquem este espaço.

Especialmente na última década, uma quantidade bastante considerável de ações e iniciativas coletivas passou a ocupar territórios como ruas, avenidas, praças, parques, áreas verdes e terrenos vazios nas cidades. Os territórios ocupados por estas ações são espaços públicos, muitas vezes, degradados ou esquecidos, com os quais não se criam memórias afetivas e sem um uso maior dentro do contexto urbano. No máximo, são territórios que se apresentam como um ponto ou marco nodal dentro da cidade. Todas estas ações coletivas, desenvolvidas nestes territórios, tais como os *food-trucks*, espaços móveis de comércio de alimentos; as novas perspectivas de ambiência, circulação e interação de mensagens produzidas pelo coletivo e promovidas através de novos moldes de sinalização e publicização destas mensagens; as intervenções artísticas; a criação de hortas comunitárias; além de cursos livres, shows e teatros nas praças e nas ruas das cidades, representaram uma ressignificação dos territórios, transformando-os em sistemas-produto. Ou seja, procuram recriar as cidades construídas pelas almas dos indivíduos, em resposta a uma profunda crise de desconfiança em relação aos governantes, que não conseguem cumprir o seu papel estabelecido no contrato social e, por consequência, gerar sentido e valor para os espaços públicos.

Com isso, a comunicação urbana produzida pelos usuários dos territórios e veiculada no próprio mobiliário urbano, bem como a comunicação veiculada nas redes sociais para gerar a mobilização social necessária e atrair os usuários para as ações desenvolvidas nos territórios, permite que as práticas sociopolíticas ganhem uma nova dinâmica e uma intensividade e diversidade de processos. Ou seja, cria-se uma ruptura

com os tradicionais canais de comunicação nas cidades, tais como a grande mídia, que escolhe de que parte da cidade quer falar e comunicar. O resultado destes novos processos de midiatização nas cidades possibilita uma alteração nos regimes de expressão e de interação sociopolítica, a partir de lógicas, operações e estratégias comunicacionais que instalam na sociedade um novo regime de estruturação de vínculos. Desta maneira, estas mídias e formatos alternativos de comunicação produzidos pelos usuários dos territórios deixam de se constituir apenas como um campo e assumem um papel de reordenação, de reorganização e de transformação na estrutura social e política.

Com base nisso, nosso estudo se enquadra no campo das metodologias qualitativas, que são caracterizadas pela descrição, compreensão e interpretação de fatos e fenômenos. Sendo ainda mais específico, as pesquisas qualitativas têm, por objetivo, investigar o significado das relações humanas e sociais, tornando possível compreender os fenômenos com dados não quantificáveis. Entre as opções de pesquisa existentes, nossa escolha foi pela pesquisa exploratória e empírica, por convidar o pesquisador a voltar o seu olhar para acontecimentos de práticas, processos e circuitos, na tentativa de estabelecer um contato maior com a situação pesquisada, para descrever e perceber fenômenos a ela relacionados.

Através da pesquisa exploratória e empírica, o objetivo deste estudo será o de compreender de que forma é possível (e se é, de fato, possível) promover a ressignificação destes territórios urbanos através de novos processos de midiatização. Para isso, como *corpus* de pesquisa, serão analisadas cinco ações de ressignificação dos territórios: "Que ônibus passa aqui", um projeto de sinalização colaborativa de pontos de ônibus; "Passo a passo", um projeto de sinalização para informar a distância a pé até os principais pontos da cidade e, com isso, tentar diminuir o trânsito de carros; "Paraíso do golfe", para mostrar o péssimo estado das ruas da cidade; "Dorme com essa", uma coleção de frases famosas de pessoas, promovendo questionamentos pelos muros, postes e tapumes na cidade; e "A natureza recarrega", um espaço móvel em que a pessoa pode sentar, descansar e recarregar a energia do corpo e do celular.